

LUGAR E PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DE PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEMPO INTEGRAL EM IPORÁ

Maycon Douglas de Souza Silva¹; Bruna Gyovanna Moreira²; Divino José Lemes de Oliveira³

¹ Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste – Unidade Universitária de Iporá. Discente, estagiário de Geografia, bolsista do PIBID, E-mail: maycon.kty@outlook.com; ² Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Oeste – Unidade Universitária de Iporá, Discente, bolsista do PIBID. E-mail: brunagyovannam@gmail.com; ³ Docente, coordenador de área do PIBID e orientador de estágio supervisionado de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste – Unidade Universitária de Iporá. E-mail: professorrrzezinho@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa buscou compreender de que maneira os estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual de tempo integral, localizada no município de Iporá, concebem as categorias geográficas Lugar e Paisagem, além de identificar quais recursos didáticos favorecem de modo mais significativo esse processo de aprendizagem. A investigação adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, priorizando atividades que estimulassem a participação ativa e o protagonismo discente. Entre os procedimentos utilizados destacaram-se: a construção de mapas mentais, a produção de registros fotográficos, a realização de quiz interativo, a análise de produções artísticas elaboradas pelos próprios estudantes e a utilização de ferramentas digitais voltadas ao ensino de Geografia. A análise dos resultados evidenciou que o conceito de Lugar foi compreendido principalmente em sua dimensão de espaço vivido, marcado por relações sociais, memórias afetivas e experiências cotidianas. Já a categoria Paisagem foi associada quase sempre a aspectos visuais, como edificações, vegetação e elementos naturais, revelando maior dificuldade dos alunos em perceber dimensões não visíveis, como fluxos, sons e significados simbólicos. Constatou-se que o uso de tecnologias digitais e, sobretudo, as práticas de trabalho de campo mostraram-se eficazes para ampliar a percepção espacial, ao aproximar teoria e prática. Conclui-se, portanto, que metodologias diversificadas fortalecem o aprendizado geográfico, incentivam a criticidade, valorizam o espaço vivido e estimulam a formação cidadã consciente.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Lugar; Paisagem; Recursos didáticos; Educação.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar tem como um de seus principais desafios aproximar o estudante da realidade em que vive, oferecendo ferramentas que permitam compreender o espaço em suas múltiplas dimensões. Para isso, categorias analíticas como Lugar e Paisagem assumem papel estratégico, pois possibilitam tanto a valorização dos vínculos afetivos que os sujeitos estabelecem com determinados espaços quanto à leitura crítica das transformações que ocorrem no ambiente. Essa abordagem permite que o processo de ensino-aprendizagem ultrapasse a simples descrição dos fenômenos, estimulando a

formação de um olhar investigativo e reflexivo.

No entanto, em muitos contextos escolares, ainda prevalece uma abordagem fragmentada, que restringe o estudo geográfico a conteúdos meramente descritivos ou desvinculados do cotidiano dos estudantes. Essa limitação reduz o potencial da disciplina em desenvolver competências críticas, como a leitura multissensorial da paisagem ou a compreensão do lugar como espaço de identidade e pertencimento. Surge, portanto, a necessidade de investigar práticas pedagógicas capazes de ampliar a percepção dos alunos e de tornar a aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Este trabalho se propôs a analisar como os estudantes de uma escola pública estadual de tempo integral localizada em Iporá compreendem as categorias Lugar e Paisagem e de que forma diferentes recursos didáticos contribuem para a construção desse conhecimento. A escolha do objeto de estudo se justifica pela relevância de fortalecer estratégias pedagógicas que relacionem teoria, prática e experiência sensível, favorecendo o protagonismo dos alunos no processo formativo.

A pesquisa desenvolvida seguiu uma abordagem qualitativa, uma vez que buscou compreender percepções, representações e significados atribuídos pelos estudantes às categorias geográficas em estudo. O campo empírico foi composto por turmas do ensino fundamental II, onde foram aplicadas atividades diversificadas, incluindo elaboração de mapas mentais, registros fotográficos, quiz interativo, análises artísticas e uso de ferramentas digitais, como Google Earth. O procedimento de coleta baseou-se na observação das produções dos alunos e no registro de falas espontâneas durante as atividades.

Como limitações, o estudo concentrou-se em apenas uma instituição e em um período delimitado, o que restringe a generalização dos resultados. Ainda assim, a metodologia escolhida mostrou-se adequada para revelar aspectos importantes sobre a forma como os alunos relacionam o espaço vivido às categorias geográficas. O presente artigo organiza-se em quatro partes: a introdução, em que se contextualiza o problema, a discussão teórica, que apresenta os referenciais conceituais, os resultados, que expõem as descobertas empíricas, e as considerações finais, que sintetizam os achados e indicam possibilidades de aprofundamento.

METODOLOGIA DE PESQUISA OU MATERIAL E MÉTODO

Esta investigação foi conduzida sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, por

ser a mais adequada para compreender percepções, representações e sentidos atribuídos pelos estudantes às categorias Lugar e Paisagem. Essa escolha metodológica encontra respaldo na natureza interpretativa da pesquisa em educação, que busca apreender fenômenos a partir da ótica dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências, discursos e produções. Nesse sentido, entende-se que o espaço vivido, conforme discutem Santos (1988) e Tuan (1983), só pode ser apreendido quando associado às práticas e significados construídos no cotidiano.

O estudo assumiu caráter descritivo-exploratório, com a finalidade de identificar e analisar como os alunos constroem significados sobre conceitos geográficos mediante práticas pedagógicas diversificadas. Tal perspectiva se fundamenta em Cavalcanti (1998) e Callai (2005), que defendem a importância de atividades que articulem a leitura crítica do espaço às experiências concretas dos estudantes, favorecendo a construção do pensamento geográfico escolar.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual de tempo integral situada em Iporá, Goiás. Para a coleta de dados, foram utilizadas atividades variadas, como a elaboração de mapas mentais, registros fotográficos realizados pelos próprios alunos, quizzes interativos, análise de produções artísticas (desenhos e representações visuais) e uso de ferramentas digitais. Além disso, consideraram-se registros escritos, falas espontâneas em sala de aula e anotações em diário de campo, práticas que dialogam com Freire (2001), ao valorizar a expressão da voz dos sujeitos e a aprendizagem como experiência de autonomia.

A análise dos dados foi realizada a partir da categorização e interpretação das produções, em diálogo com as referências teóricas sobre ensino de Geografia e com a concepção de lugar como espaço vivido (Motta, 2003), de forma a identificar avanços, dificuldades e potencialidades no desenvolvimento das práticas pedagógicas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Geografia, enquanto disciplina escolar tem papel central na construção de significados sobre o espaço vivido pelos estudantes. Nesse contexto, as categorias Lugar e Paisagem constituem eixos fundamentais de análise e interpretação. O Lugar, segundo Tuan (1983), refere-se ao espaço carregado de significados, memórias e experiências pessoais, em que os indivíduos desenvolvem vínculos afetivos e identitários. No cotidiano escolar, isso se reflete nos espaços de convivência, como a casa, a sala de aula

ou a praça, que passam a ser compreendidos como referências de pertencimento.

Nesse mesmo sentido, Motta (2003, p. 95) aprofunda a compreensão de Lugar ao afirmar:

O lugar é o espaço onde acontecem as relações de coexistência. **É onde as pessoas movem-se, individual e coletivamente, construindo uma realidade compartilhada.** É no lugar que as pessoas criam laços com outras pessoas e encontram significados para a sua presença no mundo. O lugar não tem escala, como o local ou o nacional. **O lugar tem significados.** (grifo nosso)

Esse apontamento destaca que o Lugar não é apenas um recorte espacial, mas a dimensão onde se estabelecem relações e significados coletivos. A ênfase na coexistência e na construção compartilhada de sentidos revela a importância de valorizar, no ambiente escolar, as experiências cotidianas dos alunos como parte da formação crítica.

Já a categoria Paisagem amplia a percepção do espaço, considerando não apenas a dimensão sensível do visível, mas também os elementos que podem ser ouvidos, sentidos e interpretados. Nesse aspecto, Santos (1998, p. 81) apresenta uma definição abrangente ao afirmar que: “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc...”

A fala de Santos amplia o olhar dos estudantes e professores sobre a Paisagem, permitindo compreendê-la como um fenômeno dinâmico e multissensorial. Esse entendimento favorece o uso de recursos como fotografias, mapas e imagens de satélite, que possibilitam observar a constante transformação do espaço, indo além da visão para incluir a experiência sensorial e cultural.

No ensino de Geografia, os recursos didáticos que exploram as categorias Lugar e Paisagem devem articular teoria e prática, favorecendo aprendizagens significativas. Para Callai (2005, p. 2), esse é justamente o papel da disciplina, pois:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo.

Essa reflexão reforça que o ensino de Geografia deve ser mais do que descritivo: precisa possibilitar ao estudante uma leitura crítica do mundo. Assim, compreender as paisagens como fruto das ações humanas contribui para a alfabetização geográfica e para a formação cidadã, conectando teoria à vida cotidiana.

Nesse sentido, atividades como mapas mentais, registros fotográficos, análises artísticas e uso de tecnologias digitais (Google Earth, aplicativos de mapas e realidade aumentada) ampliam a percepção dos estudantes, tornando-os sujeitos ativos na produção do conhecimento. Callai (2005, p. 5) reforça essa perspectiva metodológica ao destacar:

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos.

Esse trecho sublinha a importância de analisar a paisagem como processo histórico em movimento. Para a escola, isso significa ensinar os alunos a olhar para o espaço como resultado de transformações contínuas, nas quais se entrelaçam natureza, sociedade e interesses coletivos.

A valorização da categoria Lugar no espaço escolar é fundamental para aproximar a disciplina da vida dos estudantes. Trabalhar o conceito a partir do cotidiano, das histórias pessoais e da cultura local contribui para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento. Essa abordagem favorece, ainda, a construção de uma Geografia mais humanizada, que não se limita à descrição dos fenômenos, mas que promove reflexão crítica sobre os vínculos afetivos e sociais estabelecidos nos espaços vividos.

A categoria Paisagem, por sua vez, favorece a leitura crítica das transformações ocorridas no espaço, já que ela reflete tanto os processos naturais quanto as ações humanas. Por meio de fotografias comparativas, obras de arte e representações culturais, os alunos conseguem perceber como a paisagem é dinâmica e está em constante transformação. Essa percepção é essencial para compreender os impactos socioambientais, a expansão urbana e as modificações provocadas pelo avanço tecnológico e econômico.

Outro ponto relevante é o papel das tecnologias digitais na ampliação do estudo de Lugar e Paisagem. O uso de aplicativos de mapas, imagens de satélite e realidade aumentada permite a realização de análises que ultrapassam os limites da sala de aula. Essas ferramentas possibilitam aos estudantes visualizar diferentes contextos geográficos, realizar passeios virtuais e comparar paisagens de distintas regiões do mundo, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais interativo e motivador.

Os trabalhos de campo se consolidam como estratégia pedagógica fundamental para vivenciar o conceito de Lugar e Paisagem. Ao observar diretamente o espaço, registrar impressões e coletar dados, os estudantes conseguem estabelecer relações entre teoria e prática, desenvolvendo uma compreensão crítica do meio em que vivem. A vivência empírica estimula o olhar investigativo e proporciona aprendizagens mais duradouras, uma vez que a experiência direta tende a gerar maior envolvimento e significado.

Por fim, a análise de músicas, poemas e obras de arte amplia a percepção da dimensão simbólica do espaço. Essas manifestações revelam como os sujeitos sentem e interpretam o ambiente, reforçando a importância do lugar enquanto experiência subjetiva. A integração entre linguagem artística e conhecimento geográfico possibilita uma leitura mais sensível e culturalmente rica do espaço, mostrando aos alunos que a Geografia não é apenas ciência da descrição, mas também da interpretação das relações humanas com o mundo.

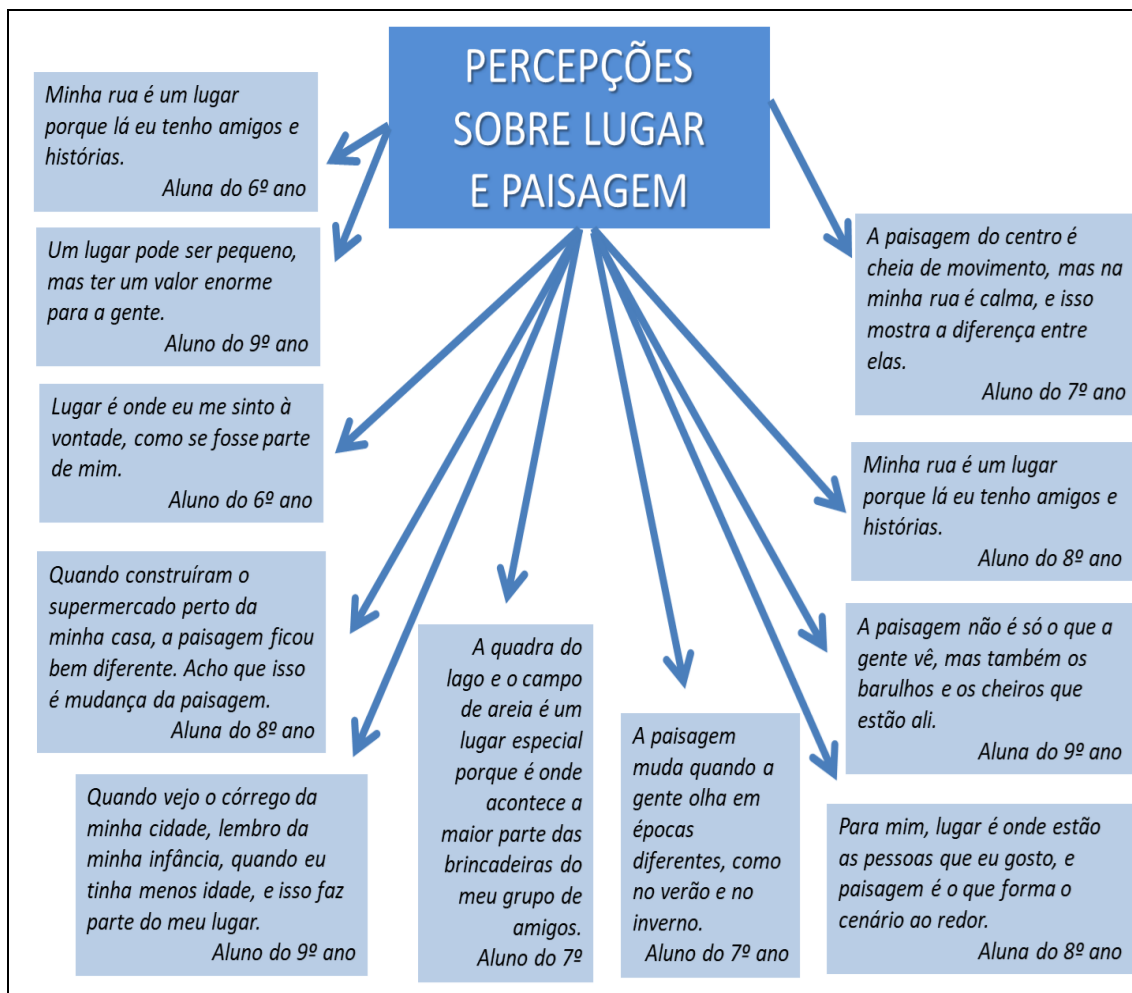
Portanto, a discussão teórica evidencia que o trabalho com Lugar e Paisagem na escola contribui não apenas para o aprendizado conceitual, mas também para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Ao articular vínculos afetivos, observações empíricas e recursos tecnológicos, o ensino de Geografia se fortalece como prática transformadora e significativa.

A investigação foi realizada em uma escola pública estadual de tempo integral situada no município de Iporá, envolvendo turmas do ensino fundamental II. O estudo buscou identificar de que forma os estudantes compreendem as categorias geográficas Lugar e Paisagem, bem como analisar as estratégias didáticas mais eficazes para o ensino desses conceitos.

Para além das atividades aplicadas, foi possível registrar falas espontâneas dos alunos que revelam como eles percebem e atribuem sentidos a essas categorias. As declarações abaixo no fluxograma 1, ilustram diferentes formas de compreensão sobre

Lugar e Paisagem, evidenciando tanto a dimensão afetiva quanto a percepção das transformações do espaço vivido:

Fluxograma 1: Conceitos de lugar e paisagem a partir da concepção dos alunos



FONTE: Os autores (2025)

As falas dos estudantes evidenciam que os conceitos de Lugar e Paisagem são compreendidos de maneira concreta e afetiva, a partir de suas vivências cotidianas. O Lugar aparece associado a sentimentos de pertencimento, memórias pessoais e relações sociais, como nos exemplos em que mencionam a rua, a quadra ou a presença de amigos e familiares. Já a Paisagem é percebida em sua dimensão dinâmica, vinculada às mudanças visíveis ao longo do tempo, às diferenças entre espaços urbanos e mais tranquilos, e também aos elementos sensoriais como sons e cheiros.

Essas percepções revelam que os alunos, mesmo sem recorrer à linguagem acadêmica, conseguem articular noções fundamentais da Geografia. O Lugar é interpretado como espaço de identidade e vínculo, enquanto a Paisagem é entendida

como cenário mutável que envolve tanto aspectos naturais quanto construções humanas. Essa aproximação entre teoria e experiência cotidiana mostra o potencial do ensino de Geografia em valorizar o conhecimento dos estudantes e transformá-lo em ponto de partida para a reflexão crítica sobre o espaço vivido.

Durante a aplicação das atividades, verificou-se que a maioria dos alunos conseguiu relacionar o conceito de Lugar aos espaços de convivência cotidiana, especialmente aqueles ligados à afetividade e ao senso de pertencimento. Nos mapas mentais produzidos, destacam-se a escola, a casa, a praça do bairro e a igreja como pontos centrais. Um estudante relatou: “Eu coloquei a quadra de futebol porque é lá que encontro meus amigos quase todo dia”.

Em relação à Paisagem, observou-se que os alunos reconhecem com facilidade os elementos visuais mais imediatos, como construções, vegetação e ruas, mas demonstraram maior dificuldade em perceber aspectos sonoros, olfativos e simbólicos. A atividade de registro fotográfico possibilitou avanços nesse sentido, permitindo que identificassem mudanças sutis nos diferentes períodos do dia. Uma aluna comentou: “Na foto da manhã dá pra ver o sol batendo nas árvores, mas à tarde aparece mais o movimento dos carros”.

O uso de recursos tecnológicos, especialmente o Google Earth, revelou-se eficiente para despertar interesse, possibilitando que os estudantes explorassem diferentes regiões e comparassem a paisagem de Iporá com outras localidades. Essa ferramenta auxiliou na visualização de transformações, como o crescimento urbano e a expansão de áreas construídas, ampliando a compreensão sobre a dinamicidade do espaço.

Embora a pesquisa tenha aplicado diferentes recursos didáticos, considera-se pertinente sugerir novas estratégias para futuras práticas escolares. Entre elas, destaca-se a atividade “Minha rua ontem e hoje”, estruturada em três etapas: (1) os alunos registrarão em fotografia a rua ou o bairro onde vivem; (2) buscarão imagens antigas do mesmo local, seja em álbuns de família ou em fontes digitais; (3) realizarão uma comparação entre as fotos, identificando mudanças (como novas construções, variação da vegetação e alteração no trânsito) e permanências. A culminância dessa atividade poderia ocorrer na produção de murais ou infográficos coletivos, sintetizando as conclusões sobre as transformações da Paisagem. Tal proposta, ainda que não aplicada nesta pesquisa, surge como recomendação dos autores pela sua potencialidade em

articular memória, identidade e leitura crítica do espaço vivido.

Por fim, constatou-se que os trabalhos de campo e a análise de expressões artísticas proporcionaram uma experiência mais significativa. As atividades que integraram observação direta, registros fotográficos e análise de músicas ou poemas despertaram maior engajamento, reforçando a ideia de que a abordagem interdisciplinar contribui para a ampliação da percepção espacial dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na escola pública de tempo integral em Iporá possibilitou compreender como os estudantes percebem e representam as categorias geográficas de Lugar e Paisagem em seu cotidiano. As atividades propostas mostraram que os alunos conseguem reconhecer com clareza os espaços de pertencimento e atribuir a eles significados afetivos, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma leitura crítica sobre as transformações da paisagem local.

Os objetivos do estudo foram alcançados ao demonstrar que recursos variados, desde mapas mentais até ferramentas digitais e registros fotográficos, favorecem a construção do conhecimento geográfico e tornam o processo de aprendizagem mais dinâmico. A integração de observação direta, experiências artísticas e tecnologias ampliou a capacidade de análise dos estudantes, aproximando teoria e prática de maneira significativa.

Ainda que os resultados tenham sido satisfatórios, identificou-se que a percepção de aspectos não visuais da paisagem, como sons e cheiros, continua sendo um desafio. Essa limitação aponta para a necessidade de estratégias pedagógicas que incorporem de forma mais sistemática a sensibilidade multissensorial no estudo geográfico.

A contribuição deste trabalho está na evidência de que metodologias diversificadas fortalecem a compreensão das categorias geográficas no espaço escolar, tornando os alunos protagonistas de seu processo formativo. Além disso, reforça-se o papel da Geografia como campo de conhecimento capaz de articular vínculos afetivos, reflexão crítica e leitura ampliada do mundo vivido.

Como perspectiva para futuras pesquisas, sugere-se o aprofundamento em práticas que explorem a dimensão simbólica e subjetiva do Lugar e da Paisagem, bem como a ampliação do uso de tecnologias imersivas, como realidade aumentada e

realidade virtual, para potencializar a experiência espacial dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 241-254, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt>. Acesso em: 8 set. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18ª. ed. São Paulo; editora: Paz & Terra, 2001.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido / espaço pensado: o lugar e o caminho**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora: Hucitec. São Paulo. 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Editora: Difel, São Paulo – SP, 1983.